



## **AFETIVIDADE: SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM E DE INCLUSÃO À LUZ DAS TEORIAS DE WALLON, FREIRE, TORO, BOSA E CAMARGO**

Cidilene César de Andrade <sup>1</sup>  
Jéssica Mayara Santos Silva Souza <sup>2</sup>  
Rosane Araújo de Arruda <sup>3</sup>  
Vânia da Silva Araújo <sup>4</sup>  
Rosilene Felix Mamedes <sup>5</sup>

### **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo discutir a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e inclusão à luz das concepções de Rolando Toro (1991,2006,2008), Henry Wallon (1975), Paulo Freire (2002, 2005) e Bosa e Camargo (2009). Diante desse objetivo, buscou-se priorizar a abordagem da Educação Biocêntrica por acreditar-se que esse olhar para educação colabora para a transformação social dos meios que envolvem a escola. A metodologia desenvolvida teve como escopo a pesquisa bibliográfica, com a análise das fontes citadas. Por fim, observamos em nossas pesquisas que a temática proposta incentiva a criação de condições para que crianças, jovens e adultos possam conviver em um ambiente afetivo e inclusivo.

**Palavras-chave:** Afetividade. Cognição. Educação Biocêntrica. Inclusão

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo faz uma análise da importância da afetividade na educação inclusiva como incentivadora da aprendizagem à luz das concepções de Paulo Freire (2002, 2005), Henri Wallon (1975), Bosa e Camargo (2009); bem como da abordagem de Rolando Toro (1991, 2006, 2008). Nessa perspectiva, buscaremos discutir sobre o afeto e a cognição a partir da compreensão dos teóricos citados, priorizando a abordagem Biocêntrica de Toro.

A abordagem mencionada apresenta um princípio que valoriza e preserva a vida, implica em concepções, formas e conteúdos de convivências educativas para além de uma estratégia metodológica, o que induz a uma transformação social, ou seja, induz à possibilidade de existir uma sociedade fraterna, equânime e inclusiva, a partir de uma educação que priorize a vida. Corroborando com essa ideia, Toro (2006, p.44) propõe a

<sup>1</sup> Especialista em Educação Biocêntrica – UFPB- [cidilenejp@hotmail.com](mailto:cidilenejp@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia - Faculdade Internacional-FPB, [jessica.mayara\\_123@icloud.com](mailto:jessica.mayara_123@icloud.com);

<sup>3</sup> Especialista em Psicopedagogia- Uninassau- [rosanegalo\\_3@hotmail.com](mailto:rosanegalo_3@hotmail.com)

<sup>4</sup> Especialista em Psicopedagogia - IESPA - [vaniaojuara@hotmail.com](mailto:vaniaojuara@hotmail.com)

<sup>5</sup> Professor orientadora: Mestra UFPB; Doutoranda PPGL-UFPB- [email:rosilenefmamedes@gmail.com](mailto:email:rosilenefmamedes@gmail.com)



transformação social a partir “da mudança interna, que não parte de uma ideologia e sim da transformação das pessoas que executaram as mudanças.”

A Educação Biocêntrica criada por Toro (1991) é um referencial teórico que tem o princípio Biocêntrico como abordagem epistemológica. Com isso, o respeito pela vida torna-se o centro e ponto de partida de todas as disciplinas e comportamentos humanos, estabelecendo-se, a partir dessa noção, a ideia de sacralidade da vida.

Para qualificar melhor as reflexões aqui apresentadas sobre afetividade, aprendizagem e inclusão, este estudo aborda os seguintes tópicos: Educação Biocêntrica e o Princípio Biocêntrico, com foco em seu conceito, metodologia, objetivos e sua contribuição para uma transformação social; a afetividade e sua importância nas relações interpessoais como expressão da identidade; integração afetividade e cognição como incentivadora da aprendizagem.

Este estudo tem como objetivo geral refletir sobre a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem e inclusão, por entender que a afetividade é inerente à educação e não acreditar numa educação que desassocie afeto de cognição. Amparados nas abordagens de Toro (1991,2006,2008), Wallon (1995), Freire (2002), Bosa e Camargo (2009), os objetivos específicos são: convidar educadores a experimentarem e ousarem escolher uma educação que privilegie a vida, entender a importância da afetividade por meio dos teóricos analisados e compreender a necessidade de a escola converte-se em um lugar de vivências educativas e inclusivas.

A afetividade e a cognição são objetos de pesquisa de vários estudiosos, porém, ainda cabem reflexões como estas aqui apresentadas, uma vez que o olhar da abordagem Biocêntrica contribui com a escola para que esta torne-se um espaço social onde a criança, o jovem e o adulto possam aprender a viver, a serem felizes, a interagirem com o outro e serem incluídos não só em sala de aula, mas em toda a comunidade escolar. Sendo assim, afirmamos que praticar o exercício cotidiano do amor, do prazer e da descoberta, é, de fato, tarefa escolar. No olhar Biocêntrico o aprender é um processo vivencial, ou seja, reflete um sistema saudável, gerador de vida, material e imaterial.

Este trabalho justifica-se, portanto, pela intenção de ampliar os conhecimentos sobre essa temática e incentivar a criação de condições para que crianças, jovens e adultos possam viver em um ambiente afetivo e inclusivo, desenvolverem seus potenciais genéticos e desbloquearem suas capacidades afetivas no ato de interagir com os outros.

Nesse esteio, segundo Bosa e Camargo (2009), para haver o processo de interação [...], deve existir um agente de socialização que promova na interação a troca de ideias e o



compartilhamento das atividades, pois não basta apenas “incluir”, mas também buscar atender às diferenças, ressignificando a aprendizagem, mudando o olhar da escola e adaptando não apenas o aluno, mas o contexto escolar às suas necessidades e especificidades e, conseqüentemente, gerando experiências ricas e produtivas, favorecendo o desenvolvimento humano, social, interacional, cognitivo, cultural e a elevação da autoconfiança do educando com outras pessoas.

Todo esse processo fomenta a oportunidade de convivência e/ou compartilhamento da experiência coletiva, efetivando o ensino-aprendizagem de forma inclusiva. Só assim as mudanças pessoais poderão realizar-se de forma não dicotômica, dentro da perspectiva de uma educação de qualidade, que priorize ações capazes de possibilitar uma sociedade solidária, inclusiva e biocêntrica.

## **METODOLOGIA**

Como proposta metodológica buscamos desenvolver, a partir da formalidade do estudo exploratório, uma revisão bibliográfica com o levantamento de pressupostos sobre a afetividade e sua importância no processo de ensino-aprendizagem e inclusão. Como aporte teórico para os temas mencionados, nos utilizamos das ideias de Toro (1991,2006,2008), Wallon (1995), Freire (2002), Bosa e Camargo (2009). Portanto, este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa de natureza bibliográfica, de método analítico.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A integração entre afeto e cognição é aqui apresentada nas concepções de Freire (2002); Wallon (1995); Campos, Nário e Souza (2012), priorizando, contudo, a abordagem de Toro (1991,2006,2008). A abordagem deste último acredita numa transformação social a partir de uma educação inclusiva que priorize a vida, por isso elencamos tais ideias como foco central de nossa pesquisa. Também, vale destacar as menções a Piaget (1961). Portanto, o arcabouço teórico que norteará as reflexões aqui discutidas é constituído pelos teóricos acima citados.

## **EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA**

A Educação Biocêntrica criada por Rolando Toro é uma vertente teórica que pode ser compreendida como um novo paradigma das Ciências Humanas. O seu princípio tem como



objetivo a conexão com a vida e a vivência integradora como metodologia, além disso, seus principais objetivos são: a aprendizagem para o desenvolvimento do pensamento e o aprender a viver. Portanto, o eixo principal dessa concepção de estudos é possibilitar ao espaço educativo a forma de uma escola-universo<sup>6</sup>. Com isso, Toro (2006, p.45) propõe uma educação com a seguinte base:

Proponho um princípio – ainda que em geral os princípios sejam de duvidosa aceitação – que parece ser o único absolutamente indiscutível: a defesa e a proteção da vida [...] O Princípio Biocêntrico é o princípio da educação. Não há nenhum valor no ensino que não conecte com a vida, para mim. Qual o valor de ensinar história de guerras, que é a história da mesquinhez e da luta pelo poder, a ausência total de misericórdia, bombardeios? Creio que ensinar é conhecer e sentir a história da grandeza humana, na qual o processo de criação mostra aos alunos outros parâmetros mentais, que não injustiça, busca de poder, competição, ambição desmedida, na qual o semelhante não tem nenhum valor.

Na Educação Biocêntrica, segundo o referido autor, o desenvolvimento de pautas internas para viver é colocado como prioridade. Não se desqualifica a formação intelectual ou tecnológica, porém, é indispensável estimular os potenciais genéticos que constituem a estrutura básica da identidade humana. Nesse contexto, a conexão com a vida orienta toda a metodologia das situações de aprendizagens. Observa-se, pois, que é urgente na nossa cultura incorporar o sentimento de sacralidade da vida e o gozo de viver.

A Educação Biocêntrica vincula-se à defesa de uma “educação selvagem”. Esse termo refere-se à criação de situações de aprendizagem que possibilitem às pessoas cultivarem seus potenciais genéticos. Ainda, segundo o autor, esse termo refere-se

ao conjunto de todos os procedimentos que possam estimular, na criança, no jovem e no adulto, o ciclo dos instintos; destacar e fortalecer o instinto para a seleção dos alimentos em relação às necessidades orgânicas profundas e saboreá-los, desfrutando o prazer do alimento (junto aos demais); estimular a capacidade de luta e defesa, através de brinquedos e jogos adequados à faixa etária; estimular a sexualidade natural, através do contato e das carícias; desenvolver o prazer cenestésico do movimento, mediante exercícios de harmonia e fluidez, natação orgânica e Biodança; ativar a expressão afetiva e criadora, mediante o canto, os coros primitivos, a poesia e o teatro; o uso das cores e o desenho; trabalhos em argila [...]. Todos esses procedimentos deveriam ser praticados com a frequente participação da família, incluindo avós, os idosos, ampliando o espaço educativo sob a forma de uma Escola Universo. (TORO, 2006, p. 18)

---

<sup>6</sup> O termo escola-universo é utilizado pelo autor GONSALVES (2009) como um espaço pedagógico organizado para criar situações de aprendizagem, através das quais as crianças e adolescentes possam primeiro aprender a sentir e, em seguida, aprender a pensar.



O Sistema Biodança é utilizado como mediação, através do qual se expressam os potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Portanto, é uma prática de vivência integrativa que favorece a inclusão e se faz necessária na medida em que a escola não deve apenas garantir as matrículas dos educandos, mas, sobretudo, deve criar condições de aprendizagem de acordo com as especificidades dos estudantes.

De acordo com Campos, Nário e Souza (2012, p.123), “[...] a inclusão passa a ser responsabilidade coletiva, uma vez que, mediante o trabalho desenvolvido, podemos contribuir para a condição de êxito do aluno na escola.” Por isso, a Biodança é uma estratégia metodológica do Princípio Biocêntrico que induz os aprendizes a viverem experiências através da dança, do canto e de exercícios de comunicação em grupo para desbloquearem os potenciais inatos que geram amor, ternura, criatividade, solidariedade e prazer. Trata-se então, de uma dança orgânica, de reencontro com a sintonia cósmica, assim como diz Toro (2008, p.56):

A dança é um movimento profundo que surge do mais entranhado, do mais íntimo do ser humano. É movimento de vida, é ritmo biológico, ritmo do coração, da respiração, impulso de vinculação à espécie, é movimento de intimidade. Sem dúvida, nossa proposta não consiste somente em dançar, mas sim em ativar, através de certas danças, potenciais afetivos e de comunicação que nos conectem com nós mesmos, com o semelhante e com a natureza.

O termo vivência indica o instante vivido, o aqui-agora. A vivência emerge no instante em que se está vivendo. Rolando Toro defende a ideia de que a vivência possui uma “qualidade do originário”, isto é, de elementos próprios do instinto, naturais, que não estão sob o controle da consciência e que podem ser “evocados”. De acordo com o autor,

o poder reorganizador da vivência se deve à qualidade única de surgir como a primeira expressão afetiva de nosso organismo, com sensações corporais fortes. As vivências simbólica ou racional” constituem a expressão originária do mais íntimo de nós mesmos, anterior a toda elaboração simbólica ou racional. (TORO, 1991, p. 183)

A vivência enquanto mediação parte do entendimento de que o processo de aprendizagem é um processo autopoietico, como define Humberto Maturana (1995,p.92). Também, conforme autor, a aprendizagem é compreendida como um processo auto organizativo e que não corresponde a uma mera resposta frente aos estímulos do meio.

Seguindo esse eixo, Toro (1991, p.183), distingue três níveis de aprendizagem: cognitivo, vivencial e visceral. O nível visceral ou instintivo pode ser considerado uma espécie de inteligência cósmica porque indica uma capacidade inata de responder aos



estímulos, facilitando adaptações e a própria conservação da vida.

Já o nível vivencial tem uma dimensão ontológica, porque pode ser entendido como um portal de acesso à profundidade do nosso ser. Além disso, a vivência possui “uma influência reguladora quando contém uma qualidade afetiva.

Ainda de acordo com o autor, o processo de aprendizagem de uma pessoa precisa abranger três níveis de respostas: cognição, vivência e instinto; do contrário, suas ações serão incoerentes, dicotômicas e superficiais. Dessa forma,

estes três níveis de aprendizagem estão relacionados neurologicamente e podem influenciar-se entre si, mas possuem também uma forte autonomia. A percepção dos significados afetam a existência pode influenciar sobre o emocional e o visceral. Tomemos como exemplo o significado que uma má notícia pode produzir: uma emoção de profundo sofrimento e a nível visceral, espasmos cardiorrespiratório e até a morte. (TORO, 2006, p. 184)

Um aluno pode ter consciência de um direito (nível cognitivo) e declará-lo publicamente, no entanto, ele pode fazer isso com medo (nível vivencial) e, ao fazê-lo, pode ter uma dor de barriga (nível visceral). O corpo inteiro responde, neste caso, de forma não harmônica e agressiva para a própria pessoa. (GONSALVES, 2009, P.47).

Segundo a proposta biocêntrica o que deve nortear a aprendizagem é a ideia de que é fundamental que os alunos produzam respostas harmônicas, saudáveis, orientadas para a vida. O Princípio Biocêntrico se fundamenta nas ciências convencionais da Neurofisiologia, Psicologia experimental, Sociologia e Antropologia e não inclui ideologias políticas ou religiosas. A mudança profunda dos valores não é possível de conseguir através de doutrinações, pois tais valores têm raízes profundas na estrutura afetiva da personalidade. (TORO, 2006).

Na perspectiva Biocêntrica, as mudanças e as transformações com sentido evolutivo só se efetivam se tiverem como referência um centro interior, portanto, devem acontecer de dentro para fora, pois, a transformação se constrói a partir de si mesmo.

Diante dessa compreensão, entende-se que a transformação social é um processo construído através da participação ativa de cada uma das pessoas que conseguem entrar em contato, efetivamente, com seu centro interior. As pessoas compartilham um desejo de transformação, em especial, a transformação social; afinal esse é um desejo comum fazer existir uma sociedade inclusiva, fraterna e equânime.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



## **A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS, E COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE E DA INCLUSÃO**

Somos evocados a interagir uns com os outros desde o início da nossa existência até o último suspiro. As nossas primeiras experiências de aprendizagem se dão com as pessoas com quem nos relacionamos e com o mundo ao nosso redor, daí a importância da afetividade nas relações interpessoais. Podemos compreender que relacionamento interpessoal é uma relação entre duas pessoas ou mais, caracterizado pelo contexto em que se está inserido, podendo ser um contexto familiar, escolar, de trabalho ou de comunidade. Para a compreensão de forma mais ampla dos aspectos formais das relações interpessoais, bem como de um meio para favorecer o desenvolvimento da interação, precisamos entender um fenômeno conhecido como afetividade.

A afetividade é estudada aqui focando a sua importância no processo de ensino-aprendizagem e na inclusão, portanto, trataremos a sua compreensão à luz das concepções de Toro, Wallon, Freire, Campos, Nário e Souza. Segundo Toro (2006), a afetividade é um fenômeno complexo, pois através dela nos identificamos com outros seres, originando a partir daí sentimentos como amizade, amor, inveja, ódio, ciúme, altruísmo, entre outros. Afetividade engloba, em especial o amor, o carinho e o ódio.

Nas palavras de Toro, “a afetividade não se limita a expressão de um sentimento individual ou uma forma sutil de comunicação, abrange também a expressão de mensagens relacionais preexistentes em todos nós que predispoem as ligações afetivas entre seres humanos” (2008, p.45).

Para Wallon (1975), duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. O Autor destaca em seus estudos, que a Afetividade se expressa de três maneiras:

1. Emoção: exteriorização da afetividade, aparece desde o início da vida do ser humano e é expressa com movimentos de espasmos e contrações, liberando sensações de mal-estar ou bem-estar. Nessa teoria, a emoção é vista como indispensável à sobrevivência do ser, e, pela sua contagiosidade “ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os



indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie”. (DANTAS, 1992 pag.85).

2. Sentimento: expressa a afetividade sem arrebatamento, com controle, pela mímica e também pela linguagem, o que o diferencia da emoção. Tem caráter cognitivo.

3. Paixão: está presente a partir da fase do personalismo e se caracteriza pelo autocontrole no domínio de uma situação, exteriorizando-se através de ciúmes e exigência de exclusividade, entre outros. (MAHONEY & ALMEIDA, 2004 pag.21).

Para Piaget (1961), a afetividade é uma energia impulsionadora das ações do sujeito, o que Wallon complementa dizendo: “a afetividade é um componente permanente da ação”. (in SILVA, 2014 pag. 1).

A afetividade na concepção freireana tem seu foco na relação professor-aluno, relação essa pautada na amorosidade, regida pelo diálogo aberto, instigando a troca de saberes oriundos das vivências de cada sujeito, portanto, cada indivíduo com seu saber de mundo, influenciado pela sua cultura, seu meio social, traz para o diálogo reflexivo crítico sua subjetividade, possibilitando uma identificação com o outro, reforçando a relação interpessoal, norteadas por vínculos afetivos.

É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica. (FREIRE, 1996, p. 11)

O professor que adota na sua prática a amorosidade não está abrindo mão de sua rigorosidade. Não há aprendizagem quando se tem medo, uma vez que quando se tem laços afetivos, há o favorecimento da cumplicidade no processo de ensino-aprendizagem, o que possibilita a horizontalidade entre esses elementos. Para o desenvolvimento intelectual do ser humano é essencial sentir-se livre, sem engessamento, pois isso inibe a criatividade, que por sua vez, limita o saber, impossibilitando o desenvolvimento das habilidades natas do sujeito. Assim, um professor autoritário e egoísta acaba tolhendo o desejo de autonomia do estudante limitando a sua curiosidade e inquietude.

O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade; e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que vinham chamando a vocação ontológica do ser humano. Assim como



inexiste disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, a autoridade ou a liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais. (FREIRE, 1996, p. 99).

O professor deve ser sempre aluno, ensinando e aprendendo, como um sujeito dialógico em constante crescimento e aprendizado com as diferenças. É desse modo que a amorosidade se constitui no processo educativo e não autoritário, tornando mais fácil para os estudantes despertarem para o mundo, descobrindo sua verdadeira vocação.

## **A INTEGRAÇÃO AFETIVIDADE E COGNIÇÃO**

Na visão de Rolando Toro, a dissociação entre inteligência e afetividade tem efeitos fatais para a vida do ser humano e põe em risco a sobrevivência da espécie. Pessoas inteligentes, sem estrutura afetiva, nem consciência ética desenvolvem projetos de destruição e extermínio. Dentro da visão biocêntrica, a construção de um mundo de paz só será possível se existir a integração entre a inteligência e os afetos, e, se essa integração se consolidar na sociedade. Para Toro,

primeiro, é preciso consolidar essa integração dentro de si mesmo, porque até os seres normais estão dissociados com a civilização e a cultura. O que pretendo é contribuir com essa integração, tomando como prioridade o afeto, o amor. A possibilidade de expandir a consciência e a afetividade, criando assim uma civilização de amor e beleza. (2008, p.13)

Contra tudo isso, a proposta biocêntrica de pôr a vida como centro é uma mensagem que visa à organização de uma sociedade justa e solidária. Nesse panorama, ainda nas palavras do autor,

É vital conectar, por exemplo, a criança com a vida e promover a integração dos afetos com a inteligência. A educação atualmente está preocupada com o cognitivo e com a violência. Se ensinam as datas das batalhas e as crianças não têm notícia da beleza e da harmonia da natureza nem da grandeza do espírito humano: que existiram grandes homens como Michelangelo, Leonardo Da Vinci, Bach, Einstein. Sempre ouviram falar da história humana a partir das guerras, o assassinato como sistema social. (TORO, 2008, p.15)

Através da ação e da interação constrói-se o conhecimento. Quando há um envolvimento ativo no processo de conhecimento, pelo meio da mobilização de atividades mentais e na interação com o outro, se dá a aprendizagem do indivíduo. Portanto, a escola



precisa ser um ambiente de formação, de humanização, em que a afetividade com suas várias possibilidades possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afeto e a cognição são faces do mesmo processo: o desenvolvimento humano.

As abordagens genéticas passam a prestar atenção no papel da afetividade na cognição ao perceberem que existe uma integração dos aspectos afetivos e cognitivos no funcionamento da psique humana. Criador da Epistemologia Genética, Piaget (1961) reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. A afetividade e a razão constituiriam termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (LA TAILLE, 1992; 2005).

Vygotsky (1988) concebia a linguagem e a interação como elementos fundamentais da consciência e do aprendizado. O desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas, e o do desenvolvimento potencial ou proximal, relacionado às capacidades a serem construídas. Vygotsky é considerado, muitas vezes, cognitivista por ter se preocupado principalmente com os aspectos do funcionamento do pensamento. Entretanto, questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas quando menciona que a psicologia tradicional peca ao separar os aspectos intelectuais dos afetivos-volitivos (OLIVEIRA, 1992).

A importância da afetividade no desenvolvimento humano, segundo Wallon (1975), baseia-se na afirmação de que o ser humano, desde o seu nascimento, é envolvido pela afetividade e que o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais. O movimento é a base do pensamento e das emoções que dão origem à afetividade, sendo ela fundamental na construção do sujeito.

A proposta de educação inclusiva está imbricada não só nos âmbitos de incluir alguém com alguma deficiência física ou intelectual, mas de incluir de uma maneira geral, assim, como dizem Campos, Nário e Souza, (2012, p. 114):

Sob esta perspectiva é reforçado o processo de legitimação da Educação Inclusiva como espaço aberto à política de representação de diferentes grupos sociais que lutam para reconhecimento dos seus diferentes modos de expressão de seus valores, comportamentos, atitudes, ou seja, diversas formas de manifestações culturais, políticas e sociais.

Na concepção freireana, a importância da integração da afetividade com a cognição é enfatizada na relação professor-aluno. Como diz o educador: “Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se ‘sabe com que está falando?’”



(FREIRE, 1999, p.158). O afeto não pode ser arrogante, o diálogo é uma das dimensões mais fundamentais do processo educativo. O equilíbrio do afeto e a maneira com que o professor concebe o significado de afetividade auxiliam ou, por outro lado, podem inibir a curiosidade do educando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ensinar é desafiador, ainda mais quando integramos a afetividade e a inclusão no processo de ensino-aprendizagem. No Brasil, devido às desigualdades sociais, a educação inclusiva tem sido uma luta diária na comunidade escolar, tornando todo o processo de inclusão e de afetividade nas escolas ainda mais complexo. No entanto, quando falamos de educação com afetividade na proposta inclusiva, não estamos ilustrando apenas as pessoas com deficiência física ou intelectual, mas sim uma inclusão no âmbito político, cultural, social, de igualdade de direitos e respeito às diferenças.

A educação biocêntrica propõe mais do que um método; na realidade, ela propõe um jeito de viver, uma nova proposta de ciência. Esta concepção vai de encontro ao processo de educação formal atual, que é fragmentado, mecanicista e quantificador, e que muitas vezes deixa de lado elementos como: corporeidade, a escuta, a capacidade de diálogo e de afeto, o desenvolvimento da identidade.

Dentro da perspectiva apresentada, a Educação Biocêntrica destaca a necessidade de aprendizagem para o desenvolvimento do pensamento, do aprender a viver, da necessidade de vincula-se afetivamente e de cultivar emoções positivas para construção da cidadania.

## REFERÊNCIAS

**Apostila da Escola de Formação em Educação Biocêntrica.** João Pessoa. Editora universitária - UFPB, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análises de conteúdo.** LISBOA/Portugal: Edições 70, 2011. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br>>. Acesso em: 03 de set. de 2020.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo:** revisão crítica da literatura. **Psicol. Soc.** Florianópolis: 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2020.



CAMPOS, Kátia Patrício Benevides.; NARIO, Jéssica Fyama; SOUZA, Adevanildo Gomes. . A inclusão educacional: limites e possibilidades. In: OLIVEIRA, José Irivaldo, *et al* (Org.). **Cidadania, Educação e Direitos Humanos no Semiárido**. 1 ed. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande-EDUFCG, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Biocêntrica**. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB, 2009.

GONSALVES, Elisa Pereira; LIMA, Sinfrônio. **Educação Biocêntrica**: Educação Selvagem. João Pessoa: Editora GepeBio, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Curitiba. Editora Positivo, 2005.

LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl. ; DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Edição 15. São Paulo: Summus, 1992.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Autopoiesi e Cognizione**. Venezia: Marzilio, 1985.

\_\_\_\_\_. **A árvore do conhecimento**. Campinas – SP: Editorial Psy, 1995.

PIAGET, Jean. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

TORO, Rolando; **Educación Biocéntrica**. Santiago, Chile: Internacional Biocentric Foudation, s/d.

\_\_\_\_\_. Inteligência Afetiva. In: FLORES, Feliciano Edi Vieira (org). **Educação Biocêntrica**: Aprendizagem Visceral e Integração Afetiva. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2006.

\_\_\_\_\_. **Princípios de Educação Biocêntrica**. Escola de Formação em Educação Biocêntrica. João Pessoa, Editora Universitária – UFPB, 2006.

\_\_\_\_\_. Teoria da Biodança - **Coletânea de Textos**. Fortaleza, Editora Associação Latino Americana de Biodança, 1991.

VIGOTSKII, Lev; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo, Editora Ícone, 1988.

WALLON, Henry. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.